

MULHERES JOVENS NA INTERNET: ENFRENTAMENTOS, OPRESSÕES & CIBERFEMINISMOS

Mariana Risério Chaves de Menezes

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Universidade Católica do Salvador mariana.riserio@hotmail.com

Universidade Católica de Salvador/Universidade Federal da Bahia vanessa.cavalcanti@uol.com.br

O presente trabalho versa sobre a exploração de imagens femininas na cibercultura, que consiste em uma ramificação de práticas de exposição por jovens na internet, podendo culminar em violências e crimes. Abordando representações de mulheres – corpos e sexualidades – em rede, situa a exposição na cultura do espetáculo e na fetichização. Perpassa os temas do ciberespaço, da cultura juvenil, da dominação masculina e da violência contra a mulher, de marcos legais específicos (sua ausência) e dos ciberfeminismos (movimentos feministas na internet).

Palavras-chave: *violência contra a mulher, patriarcado, ciberfeminismo.*

Introdução.

As mulheres alcançaram conquistas relevantes na sociedade, impulsionadas de forma significativa pelos movimentos feministas, por fortes ondas de resistências e enfrentamentos. Sua abrangência vai direitos civis e políticas à maior liberdade de ação, expressões múltiplas e em linguagens diversificadas ao surgimento de marcos legais voltados ao enfrentamento da violência em âmbitos internacional e nacional, incluindo mais recentemente a violência no namoro/intimidade como foco. Vale ressaltar a construção de agendas específicas de Direitos Humanos de mulheres, com mais destaque e ênfase nos últimos 50 anos e um desfraldar de bandeiras e de espaços essenciais para a promoção de igualdade e justiça sociais.

Entretanto, apesar da relativa emancipação e mobilidade conferidas, meninas e mulheres continuam sofrendo opressões e violências sobrepostas (CAVALCANTI, 2015) que podem passar despercebidas em alguns contextos ou mesmo serem silenciadas, naturalizadas, muitas vezes configurando a violência simbólica (BOURDIEU, 2014). Tais casos seriam formas de realização do patriarcado, comuns no ciberespaço, ainda que outros tipos de violência aflorem contra mulheres em tal ambiente.

Um fenômeno que vem ocorrendo com frequência diz respeito à exposição de fotografias sexuais e de nudez, por homens, de mulheres com as quais se relacionaram. Se há casos que configurem violências simbólicas, em outros toma o formato de agressões explícitas, como no caso da vingança face ao término do relacionamento – fenômeno recentemente denominado como *revenge porn* (pornô de vingança) - ou por mero desejo de exposição e ridicularização.

É neste mesmo contexto que mulheres paralisam ações e reações com medo do que lhes pode acarretar, seja represália do seu parceiro ou ainda de toda a sociedade. Deve-se ressaltar, aqui, que na maioria dos casos, que vêm ao conhecimento e ganham divulgação através da *mass media*, de violências de gênero, agressores(as) são – em sua grande maioria - pessoas de relações na intimidade, conhecidas e próximas às vítimas (SAFFIOTI, 2004; NEVES, 2017)¹.

Trata-se de um fenômeno atual, onde seus contornos e subjetividades ainda não foram completamente assimilados e tampouco existem formas legais específicas para o seu combate, apenas projetos de leis - ainda que marcos legais, mesmo que dispor também de eficácia simbólica não sejam autossuficientes, sem a necessidade de uma reeducação social.

A complexidade da internet ainda assusta os cidadãos comuns em inúmeros contextos: a noção de ser uma “terra sem lei”, a dificuldade no entendimento de que um material lançado na rede dificilmente pode ter os seus vestígios apagados e o fato de os estudos sobre esse espaço ter ficado muito tempo relegado a especialistas, ora afasta a compreensão que se pode ter sobre o meio/instrumento/linguagens associadas, ora provêm entendimentos superficiais e ingênuos. Este contexto age diretamente no apoio que grupos familiares podem prover às vítimas de violências sexuais praticadas na internet, fazendo-se necessária a divulgação e a circulação de material instrutivo e a academia, espaço propício para construção de conhecimento e abordagem crítico-reflexiva, pode estar aberta para elucidação de um conteúdo incipiente e vigente.

Outrossim, um espaço/tema/movimento a ser abordado é o ciberfeminista, que se ramifica em diversas e criativas frentes para responder a altura e na mesma linguagem que as violências propagadas na internet, o que demonstra, de forma empírica, a versão cibernética de conglomeração e lutas positivas. Deste modo, tem-se como objetivo discutir a reprodução, no ciberespaço, de uma cultura patriarcal, de objetificação dos corpos de mulheres e que se sustenta na cultura do espetáculo.

¹ Ambas não foram responsáveis por estudos específicos sobre violência contra mulheres na internet, mas adentraram no âmbito de investigações sobre patriarcado e violências de gênero.

Metodologia.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, com ênfase na análise de discurso. A análise de discurso se funda no pressuposto de que a fala é construída, podendo-se retirar de tal construção intenções, motivações e persuasão a partir da análise da escolha das próprias palavras usadas, da entonação, bem como do contexto histórico-social em que as expressões foram emitidas. A análise de discurso rejeita a noção “realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo”, representando a “convicção da importância central do discurso na construção da vida social” (GILL, 2015, p. 244).

Outro método elencado, diretamente relacionado ao meio em que se desenvolve a observação dos casos pesquisados, é a netnografia, com referência no trabalho “Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online”, por Robert V. Kozinets (2014). A netnografia trata-se da etnografia, contemplando seus instrumentos adequados a um novo meio e Kozinets (2014) pontua que outros métodos podem lhe ser complementares: comparação e contraste não são necessariamente concorrência. A netnografia complementa e estende outras abordagens. Pode-se inferir que o meio virtual redimensiona o método etnográfico, inserindo neste método tradicional suas características, tais como: a diversidade e simultaneidade de usuários, relativização do espaço-tempo, diminuição de gastos, rapidez na informação etc.

Discussão.

Almeja-se explicitar que parte relevante do processo de violências de gênero, especialmente a sexual contra mulheres e meninas (através da exposição de imagens íntimas) são cada vez mais recorrentes e transformam o privado em público. Ocorrendo por meio de redes sociais e ampla divulgação na internet, suas características e seus efeitos demonstram que linguagens e meios digitais são potencializadores de situações e casos de reprodução da fetichização e de uma lógica patriarcal, objetificando e sexualizando as mulheres não promovendo igualdade e direitos humanos. Expondo como uma forma de contrapartida positiva, busca-se demonstrar que os movimentos contra hegemônicos dispõem de um meio (a internet) onde podem amplificar suas ações. São os ciberfeminismos, em suas diversas nuances e ações que também ocupam lugar de resistência e enfrentamentos, denunciando, promovendo através de ações e campanhas educativas alertas e informes. Da mesma forma, dispor os contornos dos movimentos ciberfeministas (movimentos feministas na internet) e sua eficácia, revelando possibilidades de ações e circulação e produção de conhecimentos pautados na plataforma de educação para e pelos direitos humanos.

Conclusões.

Os tempos se transformam, mas também as relações e as mentalidades, o que requer reflexão e leitura crítica sobre construções e representações das mulheres nas atuais mudanças sociais cada vez mais latentes. Mais empoderadas, passíveis de inserção no sistema de reprodução e consumo, a conscientização do vivido e a compreensão dos fenômenos que constituem a universalidade abstrata da forma mercadoria são condições fundamentais para a construção do devir para além de qualquer forma/representação de poder (despótico ou patriarcal incluídos). Entretanto, no compasso das mudanças surgem desafios e ondas reacionárias, em novas linguagens e também – o que é gritante, em tradicionalismos e conservadorismos que se afiguram de forma visceral quando da ocorrência de casos de grande comoção.

O papel da internet, no contexto de uma conglomeração e denúncia de abusos e violências, é fundamental, desde que, como meio de divulgação/contestação, não esteja submetido à lógica do valor. Há que se aproveitar, em um momento em que o óbvio vem à tona, para se abordar sobre machismo, para se exigir respeito e igualdade, o olhar sobre a mulher como sujeito de direitos, de emoções, desejos e sexualidades – em suas próprias construções identitárias -, não as condicionadas pelos moldes de uma sociedade patriarcal, com vestígios misóginos, nem pelo prazer de outrem. Isto, sem olvidar que o aparato jurídico com a ausência de leis específicas para a violência contra a mulher na internet (o que entendemos como uma das esferas da ética) apenas serve ao recrudescer de distintas formas de “violências sobrepostas” (CAVALCANTI, 2015).

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Para Consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAVALCANTI, V.R.S. & GOMES, G.E.B.C. Violência(s) portas adentro: categorias relacionais como gênero e famílias em foco interdisciplinar. In: BASTOS, A.C.; MOREIRA, L.V.; PETRINI, G. & ALCÂNTARA, M.A. (Orgs.). **Família no Brasil**: Recurso para a pessoa e sociedade. Curitiba: Juruá, 2015, pp.313-338.

CAVALCANTI, V. R. S & MENEZES, M. R. C.. Direitos e Tempos Virtuais: violências contra a mulher na cibercultura. **Contemporâneos**: Revista de Artes e Humanidades (Online), São Paulo, n. 14, maio a outubro de 2016, pp. 1-29. Disponível em www.revistacontemporaneos.com.br/n14/dossie/direitosestempovirtuais.pdf Acesso em 14/06/2017.

DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HARAWAY, Donna J. Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: **Antropologia do Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LEMOS, Marina Gazire. **Ciberfeminismo**: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas. São Paulo. Dissertação - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Mestrado em Comunicação e Semiótica, 2009.

LEONARDI, Marcel. **Tutela e Privacidade na Internet**. São Paulo: Saraiva, 2011. Disponível em: <http://leonardi.adv.br/wp-content/uploads/2012/01/mltpi.pdf>. Acesso em: 16/02/2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**. Barueri, SP: Manole, 2005.

NEVES, Sofia. Femicídio: o fim da linha da violência de gênero. **Ex aequo**, Lisboa, Associação Portuguesa de Estudos sobre Mulheres (APEM), n. 34, pp. 09-12, dez. 2016. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602016000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14/jun/2017.

SANTOS, Simone Ganem dos. **Mapeando os Corpos Femininos na História do Tempo Presente**: diálogos e representações. Tese (Doutorado em Família na sociedade contemporânea) – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SIBILIA, Paula. **La Intimidad como Espetáculo**. Buenos Aires, Argentina: Fondo de Cultura Económica de Argentina, S.A, 2008.